

Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro

Estudo 9 – A chegada a Jerusalém

Marcos 11

Elaborado por Bruna Senna
brunasenna@gmail.com

1. Introdução

Queridos radiouvintes, continuamos estudando o evangelho de Marcos e hoje nossa lição será baseada no capítulo 11 deste livro. Jesus e seus discípulos já estavam na estrada rumo a Jerusalém há algum tempo. A chegada deles nessa cidade marca o início da fase final do ministério de Jesus. Jerusalém era uma cidade que tinha grande importância religiosa na vida dos judeus, e Jesus chegou ali bem perto da celebração da Páscoa, uma das mais importantes festas judaicas onde se comemorava a libertação da escravidão do Egito. Durante essa época vinham judeus de todas as partes e a população de Jerusalém crescia cerca de quatro vezes mais que o habitual.

2. A entrada triunfal

Antes de entrarem na cidade Jesus deu algumas ordens específicas e mandou dois de seus discípulos à aldeia adiante buscar um jumentinho que ainda não havia sido montado por ninguém. Seguindo as coordenadas os discípulos encontraram o animal e o trouxeram para Jesus montar. Chegar montado num jumento não parece nada triunfal, mas a presença do jumentinho na entrada de Jesus em Jerusalém foi fundamental para mostrar mais uma vez que Ele era o Messias prometido no Antigo Testamento. Muitos anos antes de Jesus vir ao mundo o profeta Zacarias havia anunciado que o Messias chegaria a Jerusalém montado num jumento (Zc 9.9), e foi exatamente isso o que aconteceu. A entrada de Jesus montado no jumentinho não foi um acidente ou capricho, mas o cumprimento

de uma profecia e mais uma prova de que Jesus era o Messias.

A importância daquele momento foi marcada por outros detalhes que todos os evangelistas fazem questão de narrar. Os discípulos colocaram suas vestes em cima do animal para que Jesus pudesse montá-lo. Muitas pessoas estendiam suas vestes pelo caminho onde Jesus estava passando e outros colocavam ramos de plantas que haviam cortado. Os peregrinos que entravam em Jerusalém declaravam: “Hosana! Bendito é o que vem em nome do Senhor! Bendito é o Reino vindouro de nosso pai Davi! Hosana nas alturas!” (Mc 11.9-10). Espalhar as vestes pelo caminho era uma prática antiga de boas vindas a um novo rei e um gesto de grande respeito. As frases de exaltação que as pessoas pronunciavam era parte de um conjunto de Salmos que todos os judeus conheciam e que eram entoados nas festas nacionais. O trecho registrado em Marcos se encontra no Salmo 118.25-26. Estes são versículos que falam a respeito do Messias que haveria de vir para salvar Israel. “Hosana” era uma palavra hebraica que significa “salva-nos agora” ou “Deus nos salva” e podem perfeitamente ser direcionadas a Jesus, porque Ele era de fato a salvação vinda de Deus para toda a humanidade.

Ao longo do evangelho de Marcos vemos que Jesus optou por manter certa descrição com relação ao seu ministério e muitas vezes ordenou que não se fizesse propaganda de seus milagres. Mas dessa vez foi diferente. Ao entrar em Jerusalém Jesus permitiu que seus seguidores realizassem uma manifestação pública em

seu favor. Junto com Jesus e seus discípulos havia muitos outros grupos de judeus chegando a Jerusalém. Não podemos dizer ao certo se todas as pessoas que estavam ali entendiam o que estava acontecendo. Os gestos alegres e as frases religiosas eram manifestações comuns dos peregrinos que chegavam a Jerusalém. Talvez muitos do que ali estavam não direcionaram seus “Hosanas” exclusivamente para Jesus, mas o entoavam como parte da tradição de seu povo. Contudo, mesmo sem sabermos ao certo se o povo tinha clareza sobre a verdadeira identidade daquele homem montado num jumento fica evidente que Marcos incluiu esses detalhes especiais na sua narrativa para nos dar mais indícios de que Jesus era o cumprimento das promessas de salvação. Se os contemporâneos de Jesus oscilavam em sua compreensão sobre quem Ele era nós temos evidências bíblicas suficientes para comprovar que Jesus era o Messias prometido.

3. Uma metáfora sobre Israel

Durante aquela semana apesar de Jesus passar muito tempo em Jerusalém Ele escolheu pernoitar em Betânia, uma cidade próxima. No dia seguinte a sua entrada triunfal, quando se dirigia ao Templo Jesus viu no caminho uma figueira cheia de folhas e foi até ela esperando encontrar ali algum fruto. Ao se aproximar da árvore Jesus notou que ali só havia folhas, mas nenhum fruto. Sua reação diante da figueira infrutífera foi amaldiçoá-la dizendo que ninguém mais comeria dos seus frutos, e a árvore secou completamente até a sua raiz. Essa atitude de Jesus com relação a figueira precisa ser entendida à luz da purificação do Templo realizada logo em seguida.

Ao entrar num dos pátios do Templo Jesus se deparou com um cenário de mercado a céu aberto e não com um local de adoração. Vendedores, autorizados pelo sumo sacerdote, vendiam animais próprios

para o sacrifício e cambistas se dedicavam a trocar as moedas estrangeiras por moedas aceitas no Templo. Isso parecia facilitar a vida dos viajantes que vinham de longe, mas a verdade é que cobrando taxas excessivas por seus serviços, vendedores e cambistas se valiam da fé do povo para lucrar. A reação de Jesus diante de tamanho absurdo foi expulsar os que estavam se aproveitando do Templo para enriquecer e denunciar o pecado daqueles que haviam transformado a casa de Deus em um esconderijo de ladrões.

O episódio da figueira infrutífera serviu como introdução a este acontecimento no Templo. A figueira era usada no Antigo Testamento para se referir à nação de Israel (Jr 8.13; Os 9.10; Na 3.12) e assim como a figueira não estava cumprindo seu propósito de dar frutos Israel também havia falhado na sua missão de ser uma nação santa e de glorificar a Deus. Apesar de não ser época de figos as folhas prometiam que haveria frutos na árvore, já que os figos aparecem antes das folhas. A ausência de frutos denunciava a aparência enganadora daquela árvore. O Templo era semelhante à figueira. Era um lugar que sugeria proximidade e intimidade com Deus, mas na prática não era isso o que acontecia. A inspeção feita por Jesus mostrou que o que se via ali não passava de um espetáculo vazio. A maldição da figueira foi um ato simbólico que serviu para ilustrar a triste condição espiritual de Israel que não dava frutos dignos do Senhor. A reação imediata das autoridades religiosas diante da denúncia de Jesus foi maquinar um jeito de matá-lo e a partir deste ponto a tensão entre eles e Jesus só fez crescer.

Ao longo da história o povo de Israel se afastou de sua missão de ser uma nação santa. Deixaram as ordens de Deus de lado e passaram a viver de acordo com seus próprios padrões, o que lhes rendeu uma condenação severa da parte de Deus. A advertência de Jesus para eles também nos serve hoje. Como cristãos fomos chamados a vivermos uma vida

exclusivamente pautada pela Palavra de Deus, se deixarmos isso de lado estaremos nos afastando dos propósitos de Deus para nós. Pense nisso, e tenha uma semana abençoada!

Bibliografia: Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal. CPAD, 2008

Bíblia de Estudo MacArthur. Barueri, Sp. Sociedade Bíblica do Brasil, 2010

Bíblia Shedd / editor responsável Russel P. Shedd. São Paulo: Nova Vida; Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997

Comentário bíblico africano / editor geral Tokunboh Adeyemo. – São Paulo: Mundo Cristão, 2010

PINTIO, Carlos Osvaldo Cardoso. Foco e Desenvolvimento no Novo Testamento – São Paulo : Hagnos, 2008

TASKER, R. V. G. Mateus, introdução e comentário. Editora Mundo Cristão

WIERSBE, Warren W. Comentário Bíblico Expositivo : Novo Testamento : volume I – Santo André, SP : Geográfica editora, 2006

HURTADO, Larry W. Novo Comentário Bíblico Contemporâneo. Editora Vida, 1995

Comentário bíblico : Vida Nova / D.A. Carson... [et al.]. –São Paulo : Vida Nova, 2009